



Universidade Estadual da Paraíba

Profª. Célia Regina Diniz | *Reitora*

Profª. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa (UEPB)

Diretor

Conselho Editorial

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)

Alberto Soares de Melo (UEPB)

Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)

José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)

José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

José Tavares de Sousa (UEPB)

Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)

Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)

Conselho Científico

Afrânio Silva Jardim (UERJ) Jonas Eduardo Gonzalez Lemos (IFRN)

Anne Augusta Alencar Leite (UFPB) Jorge Eduardo Douglas Price (UNCOMAHUE/ARG)

Carlos Henrique Salvino Gadêlha Menezes (UEPB) Flávio Romero Guimarães (UEPB)

Carlos Wagner Dias Ferreira (UFRN) Juliana Magalhães Neuwander (UFRJ)

Celso Fernandes Campilongo (USP/ PUC-SP) Maria Creusa de Araújo Borges (UFPB)

Diego Duquelsky (UBA) Pierre Souto Maior Coutinho Amorim (ASCES)

Dimitre Braga Soares de Carvalho (UFRN) Raffaele de Giorgi (UNISALENTO/IT)

Eduardo Ramalho Rabenhorst (UFPB) Rodrigo Costa Ferreira (UEPB)

Germano Ramalho (UEPB) Rosmar Antonni Rodrigues Cavalcanti de Alencar (UFAL)

Glauber Salomão Leite (UEPB) Vincenzo Carbone (UNINT/IT)

Gonçalo Nicolau Cerqueira Sopas de Mello Bandeira (IPCA/PT) Vincenzo Milittello (UNIPA/IT)

Gustavo Barbosa Mesquita Batista (UFPB)



Editora indexada no SciELO desde 2012



Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500

Fone/Fax: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

Design como prática de liberdade: a rede Design & Opressão como um espaço de reflexão crítica

Bibiana Oliveira Serpa
Frederick van Amstel
Marco Mazzarotto
Ricardo Artur Pereira Carvalho
Rodrigo Freese Gonzatto
Sâmia Batista e Silva

Resumo (p. 599) | Resumen (p. 600) | Abstract (p. 601)

Primeiras palavras: a confrontação não é só pedagógica, mas sobretudo política

Quais são as implicações de começar um grupo de estudos remoto em plena pandemia de COVID-19, em 2020, para ler Paulo Freire e outros autores e autoras “malditas”¹, críticas ao sistema capitalista e conhecidas por denunciar múltiplas opressões sob as quais vivemos? Mais especificamente, o que significa fazer essas leituras a partir do Design, campo que ainda não se articula com o pensamento crítico latino-americano, enquanto reproduz e celebra *ad nauseum* cânones europeus?

Antes de responder tais questões, queremos situar o momento histórico e espaço político em que elas foram formuladas. Após muitos anos de mobilização de movimentos sociais e lideranças políticas progressistas, foram alcançadas no Brasil conquistas importantes, como a mitigação da pobreza (pela ampliação do

1 Ao longo do texto será utilizado o gênero feminino como gênero neutro para identificar coletivos que incluem homens, mulheres e pessoas que não se identificam com nenhum destes gêneros.

salário mínimo e auxílios de renda como o Bolsa Família), o combate à violência doméstica (por meio da Lei Maria da Penha), o combate ao racismo (por meio da política de cotas raciais e o ensino de história afro-brasileira e da África no ensino básico), a atenuação da LGBTfobia (mediante o reconhecimento da união homoafetiva e políticas de inclusão às pessoas trans), a redução do obscurantismo e arbitrariedade na política (por meio de leis de transparência e iniciativas de participação popular no Senado e no Congresso), entre várias outras. Porém, a partir de 2016, com o golpe que derrubou a presidenta Dilma Rousseff, essas conquistas passaram a ser questionadas e combatidas. O golpe fundamentou-se no moralismo conservador, que ecoou na sessão do impeachment, com votos que se diziam “por Deus”, “pela Família” ou “contra a ditadura comunista”, entre outras máximas que circulavam nas redes sociais. A presidenta acabou impedida devido à aprovação de crédito suplementar – o que nunca havia sido crime até então e deixou de ser imediatamente após a sua sucessão –, abrindo caminho para seus opositores ampliarem o ataque a diversos outros avanços do campo progressista.

Foram muitos os retrocessos. Surgiram argumentos contra o programa Bolsa Família, ressignificado como “bolsa esmola”; contra a Lei Maria da Penha, por “não ouvir o lado do homem”; contra as cotas raciais, alegando serem baseadas no “vitimismo”; contra o ensino de história afro-brasileira e da África, por ser algo “sem importância” ou “descontextualizado”; contra o avanço nas pautas de gênero e de direitos das mulheres, por ser “doutrinação”; contra a união homoafetiva, mediante “argumentos da Bíblia”, em favor da “família tradicional”; ou mesmo contra “a ditadura gayzista”, que “invadia as escolas” com o assim chamado “kit gay”, entendida como parte de operações ideológicas que deveriam ser objeto de escrutínio pelo projeto Escola sem Partido. A própria política de transparência se viu comprometida pelas intervenções do sucessor presidencial, Michel Temer, que reduziu o combate à corrupção, ao

diminuir as fiscalizações e auditorias², assim como a obsessão por uma reforma trabalhista que relegou à precarização tantas trabalhadoras e trabalhadores. Já uma parcela de quem se manifestara nas ruas contra Dilma parecia desdenhar a participação popular na democracia, pedindo “intervenção militar já” e, posteriormente, que se fechasse o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal.

Em 2018, no esteio do conservadorismo, assistimos com pesar à eleição à presidência da República de um deputado federal com atuação inexpressiva ao longo de trinta anos e cuja principal proposta de governo era ser contra “tudo isso que está aí”. O então candidato havia colecionado polêmicas nos últimos anos, ao se posicionar radicalmente contra os movimentos feministas, negro e LGBTQIA+ por meio de falas e postagens violentas nas redes sociais, incluindo a negação da existência de uma ditadura militar na história do país e a homenagem cívica a torturadores notórios dessa mesma ditadura. Esses feitos, que arriscaram ser enquadrados como quebra de decoro parlamentar, acabaram por contribuir para alçar o deputado ao estatuto de “mito” entre seus simpatizantes, tornando-se um baluarte conservador da luta antiprogressista.

A eleição desse candidato trouxe impactos profundos para as lutas populares, para as universidades e institutos federais. O Ministério da Educação passou a ser ocupado por figuras que desprezavam velada ou abertamente as universidades públicas, por meio de acusações falsas, a fim de ludibriar o eleitorado conservador. Dentre os ataques, destacaram-se aqueles desferidos pelo então ministro Abraham Weintraub, que ameaçou cortar verbas das universidades devido à “balbúrdia” instalada³. Na

2 Como o governo Temer desidratou o Ministério da Transparência, Deutsche Welle, 28 de junho de 2017. <https://www.dw.com/pt-br/como-o-governo-temer-desidratou-o-minist%C3%A9rio-da-transpar%C3%A2ncia/a-39459346>

3 MEC cortará verba de universidade por 'balbúrdia'. O Estado de São Paulo, 30 de abril de 2019. <https://educacao.estadao.com.br/noticias/>

batalha contra as universidades, Weintraub chegou a alegar, sem apresentar provas, que haveria “plantações extensivas de maconha em algumas universidades”, o que suscitou a mobilização de reitores das universidades contra o ministro⁴. A autonomia universitária foi ameaçada quando o ministro e o presidente não reconheceram a eleição de reitores pelas comunidades de algumas universidades e institutos federais, apontando outras pessoas, alinhadas ideologicamente com o governo⁵, para os cargos. As agressões serviam, em todo caso, para justificar sua política de cortes no custeio das atividades de ensino, pesquisa e extensão das universidades federais⁶.

Além de atacar a classe universitária, Weintraub dirigiu diversos ataques específicos ao educador Paulo Freire. Segundo o ministro e outros políticos que defendiam o projeto de Lei Escola sem Partido, a pedagogia crítica de Freire não passava de “doutrinação de esquerda”. O pedagogo passou a ser publicamente detratado em várias ocasiões, sendo chamado até mesmo de “energúmeno” pelo presidente⁷. A nomeação de Paulo Freire

geral,mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba,70002809579

- 4 Reitores cobram Weintraub por 'plantações de maconha' em universidades. O Estado de São Paulo, 05 de dezembro de 2019. <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,reitores-cobram-que-weintraub-prove-plantacoes-de-macanha-em-universidades,70003114685>
- 5 MEC deixa de nomear reitor após denúncia do MBL, Folha de São Paulo, 25 de abril de 2020. <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/04/mec-deixa-de-nomear-reitor-apos-denuncia-do-mbl.shtml>
- 6 Os primeiros efeitos da asfixia financeira de Bolsonaro sobre as ciências do Brasil, El País, 06 de maio de 2019 https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/02/politica/1556819618_348570.html
- 7 Bolsonaro chama Paulo Freire de 'energúmeno', Portal G1, 16 de dezembro de 2019. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/12/16/bolsonaro-chama-paulo-freire-de-energumeno-e-diz-que-tv-escola-deseduca.ghtml>

como “Patrono da Educação Brasileira” passou a ser objeto de disputa política, incluindo um projeto de lei (PL 1930/2019) que busca revogar o título, ainda em trâmite no Congresso Nacional.

Quando a disputa entre a comunidade universitária e o Ministério da Educação chegava ao seu auge em 2020, a pandemia COVID-19 se disseminou no Brasil, e as universidades brasileiras foram obrigadas a suspender atividades presenciais. O ministro bem que tentou forçar uma transição rápida ao ensino remoto, porém, não havia infraestrutura suficiente para isso. A inabilidade do governo federal em lidar com a crise foi denunciada por vários segmentos da sociedade, porém, a impossibilidade sanitária de mobilizar protestos em rua não permitiu construir uma frente política com base popular para pressionar a política institucional a fazer valer os interesses da população. Assim como a maior parte das áreas acadêmicas, o Design se deteve em discutir como transpor suas práticas pedagógicas para a realidade remota, mesmo que isso implicasse na exclusão de estudantes. Nesse contexto de intensas contradições sociais, surgiu a rede Design & Opressão. No próximo tópico, “Aos que neles se descobrem”, Marco Mazzarotto (terceiro autor deste texto), nos conta como surgiu o pontapé inicial para essa rede. Logo depois, apresentamos nossas bases teóricas em “A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam”. Em seguida, descrevemos os processos colaborativos e horizontais que sustentam o grupo no tópico “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho”. Em “É experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos” comentamos as ações que estão sendo desenvolvidas pela rede. No tópico “Design como prática da liberdade” apresentamos algumas das nossas aprendizagens ao longo desse processo e, por fim, concluímos este texto vislumbrando novos caminhos em “Ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, da boniteza e da alegria”.

Aos que neles se descobrem: a história da rede

Foi no Carnaval de 2020, em uma cidadezinha do litoral paranaense chamada Antonina. Enquanto a festa cristã que nunca deixou de ser profana acontecia nas ruas, eu estava deitado em uma rede completamente alheio ao mundo ao redor, hipnotizado por outras profanidades, as escritas de Paulo Freire na sua obra Pedagogia do Oprimido. Se profano é tudo aquilo que desafia preceitos sagrados, não imagino paralelo melhor com o que estava lendo: blasfêmias que desafiavam o papel sagrado de educadores como transmissores dos conhecimentos verdadeiros; heresias que colocavam qualquer pessoa como sujeita de sua própria história; sacrilégios que impediam nós – elite intelectual formada nas melhores universidades – de guiar as massas para sua própria libertação. Mesmo sendo Paulo um pensador oriundo do campo da educação, era impossível não fazer relações entre o que eu estava lendo e minhas práticas como designer. Para Paulo, a educação deveria ter como objetivo ajudar a transformar o mundo e superar as opressões. Para mim, um Design que não compartilhe desses mesmos objetivos, não só não me interessa, como devia também ser combatido.

Logo na epígrafe do livro, já me deparei com inúmeras reflexões: “Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”. Não cabe aqui neste início de conversa listar todas essas reflexões, com exceção de uma, que pode parecer simples, mas exerceu uma influência poderosa: o plural. Aos que neles se descobrem. Ficou nítido para mim que aquele era um caminho que não poderia ser trilhado sozinho, como foi quase toda a minha carreira acadêmica. Desta vez, eu precisava de pessoas que compartilhassem as mesmas autodescobertas, os mesmos sofrimentos, as mesmas lutas.

Voltando para Curitiba após o Carnaval, comecei a lidar com esse tema da mesma forma que fui programado a lidar como professor universitário. Escrevi um projeto de pesquisa e o submeti para começar uma iniciação científica com mais quatro estudantes de Design. Paralelo a isso, pensei em convidar professoras, professores e estudantes para um grupo de estudos chamado "Rodas de Conversa Paulo Freire e Design Social". A pandemia já havia cancelado as atividades presenciais, então o grupo já deveria começar de forma remota e virtual, o que, sem entrar ainda em detalhes, se mostrou como um ponto fundamental para a comunidade de aprendizagem que foi criada.

O primeiro encontro ocorreu no dia 15 de abril de 2020 para discutir o capítulo 1 da Pedagogia do Oprimido de Freire. Eu imaginei que contaria com a presença apenas de algumas colegas professoras, professores e estudantes da minha instituição, a Universidade Tecnológica Federal do Paraná, mas, para enorme surpresa, pessoas de vários lugares do Brasil já apareceram nesse primeiro encontro. Também imaginei que era o meu papel guiar a conversa e até preparei uma apresentação com frases e conceitos que achava importante. Para surpresa minha, essa foi a primeira e última vez que isso aconteceu. Tudo mudou a partir desse primeiro encontro. Como coloca o pesquisador e educador de Design Alfredo Gutiérrez Borrero (2015, p. 116), somos "personas diseñadas por su manera de diseñar". E aquilo que estávamos estudando sobre como projetar de forma mais colaborativa, horizontal, emancipadora, passou a nos afetar de forma irreversível, guiando nossas relações como grupo. A história que estava sendo contada ali tinha diferentes vozes, com diferentes sotaques de diferentes regiões do Brasil, e é com algumas delas que eu humildemente compartilho a escrita deste capítulo.

Esse relato deixa evidente que começamos como costumam começar outros coletivos politicamente engajados: pela tomada de consciência que invade de forma abrupta e incontrolável aquelas e aqueles que, nas oprimidas e oprimidos, se descobrem. Em meio à situação de grave crise política e de descrédito com a educação pública, cientes do compromisso histórico, nós abraçamos as contradições de pensar o Design por outros meios, para poder propor outras formas de estar e se relacionar com as outras pessoas e com o mundo. Nessa caminhada com vistas utópicas, permanecemos de mãos dadas com Paulo Freire, a quem a esperança é um alento e nos serve de consolo sempre que o desespero faz o corpo pesar. À nossa marcha, somaram-se outras camaradas que nos ajudaram a transitar no terreno em descoberta: Frantz Fanon, bell hooks, Alfredo Gutiérrez Borrero, Lesley-Ann Noel e, enquanto escrevemos estas páginas, Augusto Boal nos empresta seus jogos para desmecanizar o corpo. São autoras e autores latino-americanas, do sul do mundo ou que fazem parte de grupos oprimidos do Norte Global, que escreveram e lutaram pela libertação e superação das opressões.

A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam: algumas das nossas bases teóricas

Uma preocupação que sempre tivemos desde o início do grupo foi valorizar o pensamento produzido a partir da nossa realidade latino-americana – colonizada, invadida e oprimida pelas metrópoles do Norte Global. Uma invasão que, se em grande parte já deixou de se dar por meio do território e do controle político direto, ainda é muito forte em outros âmbitos. Essa invasão também ocorre em outros locais do mundo e com outros grupos sociais. Por isso, nos interessamos em ler os textos da norte-americana bell hooks, mulher, negra e acadêmica lutando por seu espaço em um ambiente dominado por homens brancos, além de Frantz Fanon, homem, negro e psiquiatra que, embora seja

latino-americano natural da Martinica, ficou conhecido pela sua atuação na luta pela descolonização da Argélia, na África.

Dessas leituras e discussões, a partir de onde nossos pés pisam, nossas bases teóricas foram sendo construídas e ampliadas. Essas bases não ignoram o que já foi produzido nas metrópoles. Pelo contrário: absorvem de forma crítica esses conhecimentos, colocando-os em perspectiva a partir da nossa realidade e necessidades. Como defende Fanon (1961, p. 155), “num país subdesenvolvido, uma burguesia nacional autêntica deve converter em dever imperioso a traição da vocação a que estava destinada, ir à escola do povo, quer dizer, pôr à disposição do povo o capital intelectual e técnico que extraiu da sua passagem pelas universidades coloniais”.

O primeiro alicerce teórico é o que dá nome ao nosso grupo e está ligado à percepção da **opressão como força desumanizadora constante** em nossas relações políticas, econômicas, culturais, configurando processos de ensino “bancário”, atos machistas, preconceitos raciais e outras relações nas quais um grupo opressor cerceia de alguma forma a liberdade do grupo oprimido, roubando o que é capaz de humanizá-lo (DALAQUA, 2020). Questionamos, primeiramente, se o ensino e a prática de design constituídos a partir de um só modelo, pautado majoritariamente por referências capitalistas, masculinas, brancas, dos centros urbanos norte-americanos e europeus, não estaria também implicado em relações de opressão.

Como aponta Freire (1974), a opressão é uma possibilidade histórica e não uma relação natural, pois a vocação humana é a de ser livre para viver para si. A opressão nos divide entre pessoas oprimidas e seus opressores, situação na qual ambos os grupos se desumanizam: o primeiro, por terem sua humanidade roubada; o segundo, por precisarem roubar a humanidade dos outros para constituir a sua. Essa divisão não é monolítica, como no caso de um homem negro e pobre que busca algum poder através do machismo.

Esse entendimento nos leva a reconhecer e lutar constantemente contra o opressor, inclusive quando nós próprios desempenhamos o papel de opressores ao seguir padrões sociais irrefletidos.

Lutar contra a opressão é lutar para restaurar o que nos humaniza. Isso nos leva à importância do segundo princípio teórico, que é prezar tanto pelo processo de luta quanto pela libertação. **Para serem coerentes e eficazes, as lutas pela libertação precisam ser construções coletivas, horizontais e dialógicas.** Como novamente nos lembra Freire (1974), a pedagogia do oprimido é uma luta forjada *com* as pessoas, e não *para* elas.

Sobre isso, foram emblemáticos os relatos da experiência de Freire (2014) em assentamentos agrários durante seu exílio no Chile. Agrônomos da universidade, mesmo que bem intencionados em ajudar uma comunidade, assumiram a postura de salvadores, de detentores únicos do conhecimento e das soluções para trabalhadoras e trabalhadores do campo. Eles tentaram impor suas soluções, sem considerar os interesses e a cultura local do interior do Chile. Na visão de Freire, não passou de uma invasão cultural, uma prescrição que tentou substituir a cultura local pela do invasor. De forma oposta, se esses agrônomos realmente estivessem comprometidos com as comunidades rurais, deveriam ter assumido uma postura humilde, problematizando a realidade em conjunto com a comunidade, ainda que sem renunciar totalmente a seu conhecimento. Ou seja: não transmitindo, mas dialogando saberes. Dessa forma, os conhecimentos e soluções construídas coletivamente poderiam contribuir para que a luta contra a opressão avançasse, sem desconsiderar o papel ativo de todas as pessoas e a cultura local, de forma que todas e todos ensinassem e aprendessem. Porque “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, [as pessoas] se educam entre si, mediatizado[a]s pelo mundo” (FREIRE, 1974, p. 63).

Decorrência direta dessa construção participativa é o entendimento de que **todas as pessoas têm potencial criativo para**

transformar a sua realidade. Aprender a ler não serve apenas para ver o mundo feito por outras, mas para escrever a própria palavra, recriar o próprio mundo. De modo “que a vida como biologia passa ser a vida como biografia. Talvez seja este o sentido mais exato da alfabetização: aprender a escrever a sua vida como [autora] autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se” (FIORI, 2019, p. 12). Para viver a experiência criativa em completude, também se faz necessário **lutar contra as opressões que buscam dicotomizar a vida.** Freire (1974) nos mostra os problemas de separar teoria e prática, defendendo uma práxis que une ambas. Similarmente, Augusto Boal (2009) aponta que existe uma supervalorização do pensamento simbólico (palavras) em detrimento do sensível (não verbal) na sociedade moderna, enquanto bell hooks (2013) critica a separação entre mente e corpo na academia. O que todos esses discursos defendem é a necessidade de superar essa fragmentação que nos impede de exercer a nossa inteireza como seres humanos.

Encerrando este breve relato de algumas das nossas bases teóricas – não só teóricas, mas também intrincadas na práxis do nosso grupo –, cabe apontar para a perspectiva crítica da qual partem as reflexões apontadas anteriormente. Temos como premissa que nossas **ações nunca são neutras, mas sempre políticas.** Sendo assim, refletimos: de que lado da luta nos posicionamos? Do lado dos opressores, por omissão ou por ação deliberada, auxiliando a manter os mecanismos que cerceiam nossa liberdade? Ou do lado das pessoas oprimidas, lutando em conjunto pela superação das opressões? A pergunta e escolha se coloca em cada uma de nossas ações, seja como educadores e educadoras, seja como designers ou projetistas, pois, como aponta Fry (2007, p. 8), Design é profundamente político, servindo ou subvertendo o *status quo*. Design "isentão" não é possível, a não ser como ideologia.

Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: a formação do grupo

Desde a sua formação, a rede Design & Opressão conduz um grupo de leitura semanal online, uma série bimensal de transmissões ao vivo no Youtube e uma participação orquestrada em eventos e conferências de design. A rede se organiza atualmente em um servidor no Discord, uma plataforma originalmente criada para bater papo via áudio e texto com amigos durante uma jogatina online. Em um esforço coletivo, adaptamos esse espaço *gamer* aos interesses pedagógicos e de organização da rede, que serão debatidos mais adiante nesta seção. Esse espaço-rede concentra nossos debates e possibilita nossos encontros.

A rede é tecida por um grupo em expansão de participantes, complicadores e complicadoras que atuam de forma voluntária e estão espalhadas por todo o Brasil. Atualmente⁸, o servidor da rede Design & Opressão no Discord forma, ao todo, uma comunidade com 376 integrantes. Integrantes são pessoas que, em algum momento, entraram no servidor e acompanharam os debates escritos ou os encontros semanais promovidos pela rede. A presença nos encontros é flutuante, mas, em geral, possui uma média de 30 participantes, ainda que já tenha alcançado cerca de 90 pessoas participando ao mesmo tempo. No servidor Discord, temos um canal de texto chamado #apresente-se, onde as pessoas voluntariamente revelam seus interesses em fazer parte da rede, identificando também de onde são, qual a sua relação com Design e expectativas em relação àquele espaço. A partir de 114 respostas nesse canal, traçamos um perfil de participantes que se engajaram nas ações da rede. É interessante perceber que, embora a rede tenha surgido de um grupo de estudos a partir de interesses

8 Os dados apresentados neste capítulo e no capítulo seguinte representam informações obtidas até março de 2021.

acadêmicos, é significativa a participação de profissionais, que não são professoras ou estudantes, somando 33% das pessoas que se apresentaram no canal (Tabela 1).

Tabela 1: Perfil de participantes da rede Design & Opressão.

Perfil	Total	%
Professor(a)	23	20,18%
Estudante (graduação ou pós)	53	46,49%
Profissional	38	33,33%

Em pouco tempo, a rede conseguiu alcançar uma abrangência territorial ampla. Há participação de pessoas de todas as macrorregiões do Brasil (Tabela 2), ainda que a participação de pessoas das regiões Sul e Sudeste seja maior. Entendemos que isso se deve à vinculação institucional das pessoas cofundadoras da rede (autores e autoras deste texto), que são, majoritariamente, instituições de ensino das regiões Sul e Sudeste. Mas com o engajamento de novas participantes, que estão em outros territórios, vemos o alastramento da rede nas demais regiões. Além disso, há registro de pessoas que acompanham os debates da rede na Europa (Portugal e Suíça) e em outros países do continente americano (Argentina, México e EUA).

Tabela 2: Origem de participantes da rede Design & Opressão por macrorregião no Brasil.

Macrorregião	Total	%
Sudeste	37	32,5%
Sul	32	28%
Nordeste	20	17,5%
Norte	4	3,5%
Centro-Oeste	2	1,8%
Sem informações	19	16,7%

Enquanto finalizamos a escrita deste capítulo, a rede completa seu primeiro ano de existência desde o primeiro encontro no dia 15 de abril de 2020. De lá para cá, foram 37 encontros, nos quais pudemos nos conhecer, aproximar e construir em conjunto um espaço plural e aberto para pensar o Design de forma crítica. O perfil apresentado, ainda que não represente a totalidade de pessoas que participam da rede, faz ressoar a diversidade de experiências, culturas e interesses que estão em jogo nos nossos debates. Nossa rede é movida pelo sonho de viver em um mundo livre de qualquer tipo de opressão. As tecelãs e os tecelões da rede, em sua diversidade, vivenciam esse sonho durante os eventos e encontros que promovemos. Ninguém está completamente livre da opressão. No entanto, em cada encontro, as participantes atualizam suas esperanças de continuar lutando por esse futuro utópico.

Inicialmente, antes de nos reconhecermos como rede, criamos um grupo pequeno de professores, professoras e estudantes de diferentes universidades que reproduziam as atitudes esperadas de seus papéis durante encontros de estudos: educadoras e educadores falavam e estudantes ouviam ou tiravam dúvidas. Essa não era a intenção do grupo que iniciou a rede, mas percebemos que, embora com práticas e ferramentas diferentes de uma situação de ensino-aprendizagem tradicional, existia a influência da educação bancária⁹ na estrutura desses encontros do grupo. Porém, na medida em que os textos de Freire e hooks revelaram como essa opressão se manifesta, por exemplo, na distribuição de fala, foram emergindo conversas e problematizações sobre como combater a opressão durante os próprios encontros.

No seu início, como o grupo estava envolvido com o ambiente universitário e de pesquisa, nos baseamos em nossas experiências

9 Educação bancária é um conceito que explica como a opressão se manifesta na Educação: o conhecimento é depositado na cabeça do estudante como se fosse um valor que pode ou não ser usado no futuro. (FREIRE, 1974)

individuais de formação e participação em grupos de estudos. Talvez por isso, as primeiras experiências lembravam muito um grupo de estudos presenciais. Entretanto, quando nos aprofundamos nos ensinamentos de Paulo Freire, as leituras nos faziam querer fazer algo diferente como, por exemplo, mudar as estruturas hierárquicas tradicionais de prioridade de fala, os tipos de conhecimentos válidos e a visibilidade dos grupos sociais. Por outro lado, as nossas experiências com participação de grupos de estudos e debates em ambientes online eram distintas. Havia entre nós quem já havia utilizado videoconferência para ministrar aulas, mas justamente pelo contexto da pandemia, havia feito isso há apenas alguns meses. Algumas pessoas já utilizavam há algum tempo ferramentas de ensino à distância disponibilizadas pelas universidades para a complementação de carga horária de estudantes, de forma assíncrona. Havia também experiências de formação semipresencial mediadas por um conjunto de plataformas, como Moodle, Miro, YouTube etc.

À medida que nos apropriamos de novas ferramentas e conhecimentos, avaliamos como o design dos sistemas de videoconferência não era neutro. Afinal, design nunca é neutro. Questionamos: que valores reproduzem as tecnologias que usamos? É possível utilizar de outro modo esses meios de comunicação online? Como, por exemplo, transformá-las em espaço propício para algo que lembre um círculo de cultura freireano? Por exemplo, na primeira ferramenta utilizada, o Google Meet, a pessoa que está falando é colocada em evidência, com vídeo ou o avatar. Quem normalmente tomava a fala já estava com o vídeo ligado e, assim, quem não falava, acabava mantendo o vídeo desligado e não sendo encorajada a falar. Deste modo, mesmo que fosse estimulada a participação de todas, identificamos que o uso do vídeo criava uma hierarquia sobre as falas. A participação pelo bate-papo de texto acabava sendo mais comum, mas não gerava um debate muito intenso, possivelmente porque a plataforma não permitia estruturar o bate-papo, exibindo-o em segundo plano.

Sendo um grupo de estudos online, algumas práticas de dinâmicas presenciais começaram a não fazer sentido ou a causar estranhamentos. Diferente dos encontros de estudo presenciais, cuja partilha de referências e trocas se dá não só pela voz, como também pelos olhares, gestos e performance corporal, em um encontro online, essa comunicação é comprometida, seja por questões técnicas (má iluminação, áudio e imagens ruins, conexão intermitente etc.), seja por questões individuais de personalidade (timidez, falta de experiência em reuniões online, interrupções em espaços compartilhados, dentre outros). Por outro lado, a facilidade de acesso às informações e recursos disponíveis na internet, como imagens, músicas e memes, conferiu muitas vezes um dinamismo e ajudou a “quebrar o gelo” das discussões teóricas que viriam a acontecer após a leitura de alguma obra da autora.

O fluxo da conversa síncrona era fundamental para a participação nos encontros. A latência¹⁰ entre uma fala e outra impedia a transição rápida entre uma pessoa falante e outra, pois não ficava evidente a “deixa” para outra pessoa começar uma fala. Com frequência, quem estava falando se sobrepunha, e isso causava uma interrupção no fluxo de pensamento de todas. A latência alta pode ser atribuída não só à ferramenta Google Meet, mas também à infraestrutura de internet brasileira, sobrecarregada pela migração emergencial de postos de trabalho para residências, por conta da pandemia. Muitas vezes, as participantes não podiam permanecer com os vídeos ligados, porque isso acarretaria uma sobrecarga na conexão, impossibilitando que acompanhassem a discussão. Isso também é um ponto de atenção, porque intensifica a desigualdade da possibilidade de participação entre quem tem acesso à internet banda larga e a bons equipamentos e quem não tem.

10 Latência é um dos fatores que indica a qualidade de conexão. Latências menores indicam menor atraso entre transferência de dados de um ponto a outro, por exemplo.

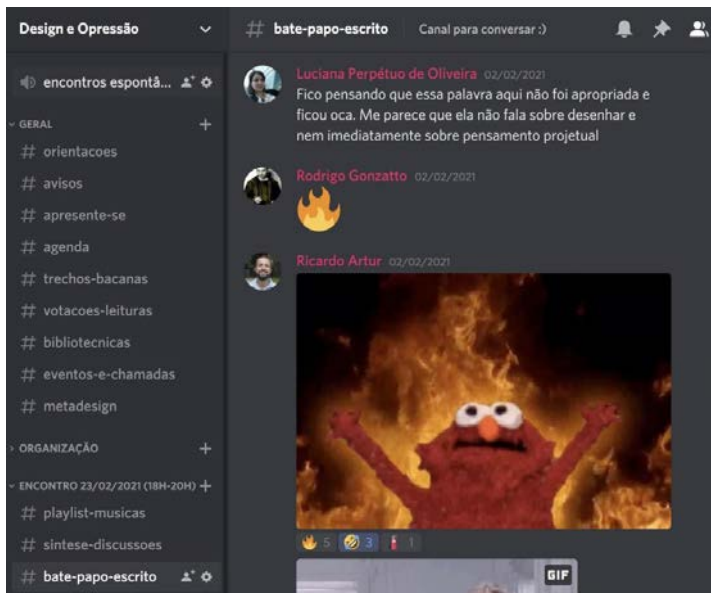
Após a finalização do ciclo de leituras sobre Paulo Freire, o grupo decidiu migrar para a ferramenta Discord. O Discord oferecia uma latência menor que o Google Meet, além de permitir interação por vários canais de texto simultâneos. Essa multiplicidade de canais foi fundamental para praticar princípios desejados pelo grupo: acolher discordância e dar opções para expressão de mais pessoas, à medida que pautas, interesses, dinâmicas e interações do grupo fossem se expandindo. Assim, montamos um servidor no Discord, que se tornou o espaço de encontro, de formação e de sistematização de conhecimentos, com diferentes canais de texto e áudio para organização de ações e conteúdos. Junto a isso, o grupo Design & Opressão se reconceitualizou como uma rede, a rede Design & Opressão.

Inicialmente, percebemos que a participação por áudio era disputada, especialmente quando as reuniões possuíam grande número de participantes (30+). Por isso, nos primeiros encontros, construímos alguns mecanismos formais de distribuição de fala, pois, do contrário, algumas pessoas faziam apontamentos longos e autorreferenciados, que minavam a entrada de múltiplas vozes no debate. Criamos um canal de texto chamado #inscricao-de-fala, em que cada participante tinha que postar um emoji para pedir a fala, além de haver a presença de um robô (explicados mais à frente) de contagem de tempo, ativado por nós a cada início de fala.

Percebemos também que, no Discord, a interação por texto se dava de forma muito distinta da anterior, facilitada pelas características da plataforma e também pela nova dinâmica dos encontros, que se formou com o crescimento de participantes. Com o passar dos meses, sentimos que as participantes das reuniões utilizavam cada vez mais intensivamente o canal de conversa por texto, complementando e expandindo os temas comentados por áudio, mas, muitas vezes, criando linhas de debate diferentes e paralelas. Ao invés de coibir esse uso, incentivamos essa expressão. Além disso,

exploramos a utilização de emojis e GIFs animados no bate-papo de texto, para ampliar a possibilidade de comunicação (Figura 1).

Figura 1: Imagem da tela do servidor Discord. À esquerda, estão os diferentes canais de texto; à direita, um diálogo entre participantes com texto, emoji e GIF animado.



Optamos também por priorizar a participação por áudio e texto, sem uso de transmissão de vídeo. Apesar de inicialmente parecer que “ligar a câmera” poderia ser um fator de aproximação entre participantes, pela ideia que ver o rosto das outras pessoas tornaria a interação mais “pessoal”, notamos que isso resultava em problemas de conexão, pelo vídeo exigir maior transmissão de dados, além de um cansaço físico gerado pelo controle do corpo necessário para expor o vídeo continuamente ao longo das duas horas de encontro. Interagindo por áudio, podíamos mudar de postura e até mesmo nos movimentar livremente durante o encontro. Acreditamos que essa opção

também alterou um fator de hierarquia, ao tornar indiferente ter a melhor ou pior qualidade de vídeo ou o espaço doméstico mais interessante. A participação só por áudio também pareceu diminuir a sobrecarga de informações resultante de acompanhar áudio + vídeo + texto.

Outra abordagem que aprendemos, à medida que fomos nos conhecendo como grupo e descobrindo novas formas de interagir a partir da plataforma Discord, foi a programação de robôs¹¹, entidades que interagem no canal seguindo regras de programação. Buscando uma forma de trazer mais colaboração para as reuniões, criar oportunidades de expressão e nos conhecermos melhor, criamos uma lista de reprodução de músicas colaborativa utilizando o robô Hydra. Nela, qualquer pessoa poderia colocar uma música na sequência, e todas poderiam ouvi-las juntas, ao fundo da conversa. Testamos usar essa música colaborativa “de fundo” em vários momentos diferentes, mas ela ficou característica do momento de metadesign. Percebemos que a música ajudou a criar um clima mais informal para essa parte do encontro, que se caracteriza pela autorreflexão sobre o grupo e formas de trabalho, conteúdos e práticas que queremos desenvolver juntas. Utilizamos também o robô Live Countdown para controlar o tempo de fala e o robô ConfessionBot para permitir mensagens anônimas nos canais.

Se o Discord, por um lado, foi escolhido por facilitar algumas dinâmicas, também trazia consigo algumas direções que foram questionadas. Diferentemente do Google Meet, o Discord oferece a possibilidade de estabelecer cargos para membros, designando poderes de configuração da ferramenta diferenciados, ou seja, privilégios. Se privilégios estabelecem diferenças materiais, como evitar que eles reproduzam opressões em nossa

11 Robôs (ou *bots*, em inglês) são recursos de uso comum em plataformas como o Discord. Em geral, são usados para automatizar tarefas, adicionar funcionalidades e gerenciar atividades e informações em um servidor.

rede? Inicialmente, não havia interesse das pessoas em concentrar poderes. Porém, a preocupação com o ingresso de participantes que poderiam oprimir colegas levou à criação de um cargo chamado **complicador(a)**, para aqueles e aquelas que atuariam como articuladoras do debate. Esse cargo seria responsável por complicar a discussão, mais parecido com o papel de curinga do Teatro do Oprimido (BOAL, 2009) do que com o de facilitador(a) do *design thinking*.

O grupo inicial de complicadores e complicadoras (também autores e autoras deste texto) era composto somente por educadores e educadoras. Com o desenvolvimento da rede, mais participantes ingressaram nesse grupo, incluindo outras professoras e professores, além de estudantes e profissionais do Design, formando um grupo bastante heterogêneo. Até o presente momento, somos 15 complicadoras, espalhadas pelas várias regiões do Brasil. Além de participar dos encontros, as complicadoras também participam de um grupo exclusivo no WhatsApp, que serve para preparar e organizar os encontros e ações da rede. Ao final de cada encontro, há uma sessão extra e curta de avaliação e descontração entre as complicadoras, que acontece no servidor do Discord, em um canal chamado **#cerveja-crítica**.

A escolha de leituras é realizada de forma democrática e coletiva ao final de cada encontro. Há um canal de texto (#sugestões-leituras), no qual todas podem colocar sugestões, identificando autoria e texto. A cada encontro, há uma nova votação, que acontece por meio de curtidas na publicação: o comentário/sugestão com mais curtidas é escolhido. Em 2020, estudamos e discutimos o trabalho de Paulo Freire, Frantz Fanon e bell hooks em relação às questões do Design contemporâneo, como opressão, participação, justiça social, preconceito e diálogo, enquanto em 2021 estamos atualmente envolvidas nas discussões de Augusto Boal e suas ideias sobre a estética do oprimido. Também lemos

e discutimos um único texto de Alfredo Gutiérrez Borrero sobre *diseños del sur* (BORRERO, 2015) e tivemos um encontro para discutir as ideias da designer e educadora Lesley-Ann Noel, oriunda de Trinidad e Tobago.

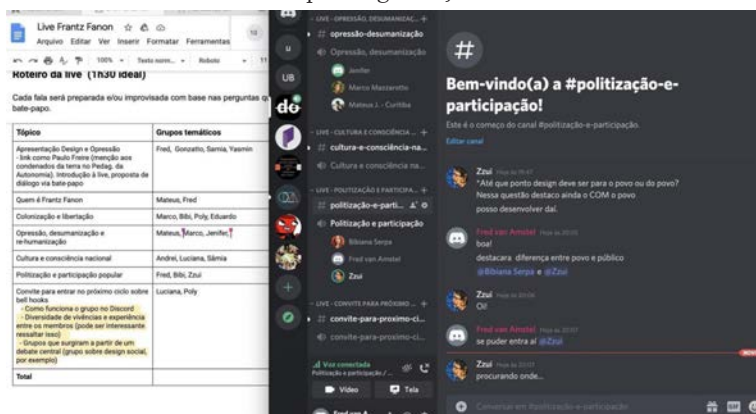
Para alguns desses autores e autoras, a rede decidiu organizar um evento de transmissão ao vivo para sistematizar as principais relações entre design e opressão tecidas durante os encontros. Esse evento possibilitou o compartilhamento de aprendizagens com pessoas que não puderam participar dos encontros por algum motivo, além de divulgar amplamente o conhecimento produzido coletivamente pela rede. Para simplificar a produção desse evento e estimular a interação com a audiência, foi escolhida a plataforma de transmissão ao vivo Youtube, mediada pela plataforma de conferência StreamYard. No evento, participantes da rede propõem um diálogo em fala, enquanto a audiência conversa entre si ou com as participantes em tela por meio do bate-papo escrito.

A preparação desses eventos, também chamados de *lives*, seguiu um processo de construção coletiva, em que todas as participantes da rede foram convidadas a se engajar. Durante os encontros, todas eram encorajadas a escrever pequenas anotações do que era debatido no canal #síntese-discussões. Fora do horário dos encontros, havia também a possibilidade de contribuir para a visualização das ideias principais dos textos em um painel digital colaborativo. Esse painel serviu para mapear as principais ideias que surgiam a partir da leitura do texto e nos ajudou a organizar a síntese.

Uma semana antes das *lives*, quem queria participar se reunia no mesmo horário semanal para decidir sobre os pontos a serem abordados. Utilizamos um documento Google, aberto para edição, para elencar esses pontos, inicialmente por meio de um toró de ideias (também conhecido como *brainstorming*).

Qualquer tema que alguém se lembrava podia ser expresso rapidamente como uma palavra, sem se preocupar com a hierarquia dos conceitos. Depois disso, as palavras eram organizadas por similaridade, buscando, com isso, a emergência de categorias principais, que fossem capazes de agrupar todos os tópicos. Essa fase era a mais demorada e difícil, pois a classificação dos assuntos implicava em uma tomada de decisão coletiva. A deliberação sobre os temas se desenrolava pelo canal de áudio do Discord. Enquanto algumas pessoas discutiam um tema em áudio, outras pensavam e resolviam silenciosamente outros problemas de classificação dos conceitos. Eventualmente, uma questão resolvida silenciosamente era reaberta na discussão falada. Após definir a lista de temas da *live*, as pessoas escreviam seus nomes ao lado dos tópicos que gostariam de discutir durante a transmissão (Figura 2).

Figura 2: À esquerda, imagem do documento Google aberto enquanto participantes identificavam tópicos de interesse. À direita, imagem de diálogo no Discord para organização da *live*



A limitação do número de participantes simultâneos da ferramenta de conferência StreamYard estimulou a organização das *lives* em blocos, cada um com, no máximo, seis debatedoras e debatedores. As participantes de cada bloco se reuniam em momentos distintos, à parte do encontro da rede, para discutir como dividir suas falas e abordar o tema. Cada bloco podia adotar uma estratégia diferente: alguns blocos apresentavam falas sintéticas e bem definidas, outros exploravam diálogos espontâneos. Na primeira *live*, com apenas seis participantes (os autores e autoras deste texto), houve a figura de um facilitador da discussão, algo que não foi adotado nas duas *lives* subsequentes, devido à intenção de descentralizar e despersonalizar a rede. Em cada bloco, a audiência ouvia, portanto, novas vozes, que usavam seu tempo de vídeo autonomamente. A preparação coletiva anterior e organização de tópicos e tempo era importante para que todas pudessem falar e também para evitar uma transmissão total longa demais.

Fugindo um pouco desse formato, também realizamos uma *live* baseada na técnica do Teatro Fórum, proposta por Augusto Boal, na qual situações opressoras são encenadas e debatidas com a plateia. Intitulada “A Invasão do design thinker gringo”, a peça e o debate sobre ela abordaram de forma crítica temas como empatia, participação, invasão cultural e colonização.

A comunicação das *lives* costumou seguir um padrão estético-visual que brinca com uma foto do autor ou autora em discussão, colocando uma tarja sobre seus olhos, uma referência tanto à censura aos seus pensamentos, como também uma proteção de suas identidades em um ambiente opressor. A chamada se dava por meio de algum questionamento, sempre vinculando o autor ou autora à pergunta: “Autor(a) tem a ver com design?” (Figura 3). No caso da peça de Teatro Fórum, a chamada buscou apontar o viés crítico e decolonial que buscamos, materializado em seu título.

Figura 3: Card de comunicação das *lives*. Da esquerda para a direita: “Paulo Freire tem a ver com design?”, “Frantz Fanon tem a ver com design?”, “bell hooks tem a ver com design?”, e “Teatro Forum: A invasão do design thinker gringo” .

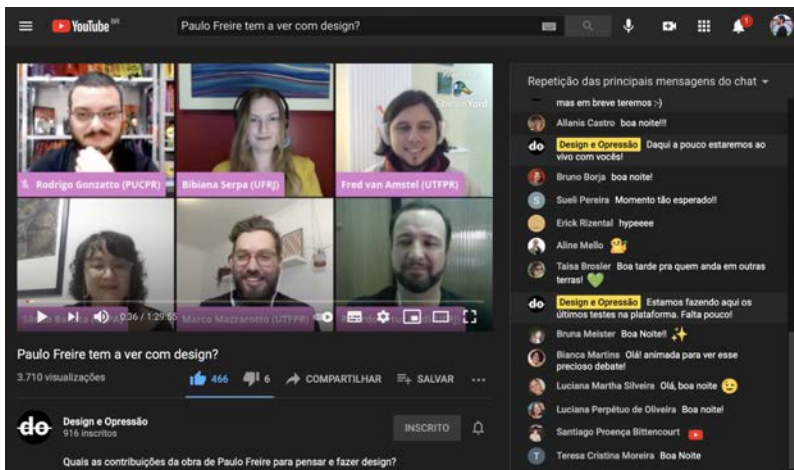


É experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos: as ações da rede

As *lives* (Figura 4) são, até agora, a realização coletiva mais importante da rede Design & Opressão, tendo atraído mais de 6.500 visualizações até o momento. Além delas, as demais atividades da rede são tecidas em conjunto, por meio de colaborações

que visam à horizontalidade. Ao final de cada encontro, a rede tem um momento #metadesign, com aproximadamente 30 minutos de duração, para alterar e adicionar novas estruturas de interação e debater temas sensíveis à organização e dinâmica do grupo. A intenção é colocar em debate as práticas e processos da rede, tornando possível a confrontação das relações de poder que podem se instalar. Nessa experiência, podemos fazer uma autocrítica e vislumbrar possibilidades de criar ferramentas de interação a partir de uma perspectiva de design antiopressor e libertador dentro da própria rede.

Figura 4: Imagem da tela da *live* “Paulo Freire tem a ver com design?”, mostrando participantes em tela, mensagens do chat e dados sobre acesso.



Avistamos expandir nossas ações para práticas que articulem pesquisa-ensino-extensão, numa perspectiva interinstitucional com atuação local. Durante todo o ano de 2020 e começo de 2021, ainda em regime remoto devido à pandemia de Covid-19, fomos capazes de iniciar algumas atividades por meio de ações dos complicadores e das complicadoras em suas universidades.

Em todas as instituições de ensino às quais estamos vinculadas (UTFPR, PUCPR, ESDI/UERJ, UFRJ), houve engajamento de estudantes nas atividades da rede Design & Opressão, vista como um espaço que aborda temas negligenciados ou ignorados pelos currículos das universidades onde estudam. Além disso, é notória a influência que o debate na rede tem na ação dos professores e professoras participantes quanto à condução das disciplinas e outras ações universitárias, cada vez mais pautadas por uma visão crítica, politizada e libertadora.

Na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), foi iniciado um grupo de estudos para discutir como tornar o Design mais crítico e politizado a partir de Paulo Freire. Também estão em desenvolvimento ou já foram concluídas seis iniciações científicas que relacionam Paulo Freire e Design e uma dezena de TCCs que, direta ou indiretamente, contam com uma orientação a práticas mais engajadas que questionam a perspectiva colonialista do Design. O curso Projetos para Pessoas: Laboratório de Design e Inovação Social, oferecido como optativa do Bacharelado em Design, incorporou práticas de diálogo e participação pedagógica da rede Design & Opressão, incluindo os esquemas de utilização do Discord.

Na Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ESDI/UERJ), três pesquisas de doutorado que vinculam temáticas de Design, opressões e práticas emancipatórias estão sendo desenvolvidas por estudantes que atuam como complicadoras nos espaços da rede Design & Opressão. Ainda na ESDI/UERJ, o projeto de extensão “Praxicracia: design, colaboração e autonomia”, que atua junto a movimentos sociais e discute métodos e abordagens participativas do Design, vinculou-se à rede Design & Opressão por meio do engajamento de integrantes do projeto na rede e foi contemplado

com uma bolsa de extensão graças aos resultados obtidos no último ano por meio dessa parceria.

Na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) foi proposta uma disciplina eletiva de projeto chamada “Design e Política”, que trata questões políticas do Design de forma crítica e tem referência nos debates da rede Design & Opressão. Até agora, a disciplina foi ministrada três vezes, contando com a participação de cerca de 100 estudantes. Nessa e em outras disciplinas também estão sendo realizadas práticas pedagógicas inspiradas na rede Design & Opressão, incluindo a utilização do Discord como plataforma de interação.

Além de organizar os debates internos à rede e promover ações de ensino, pesquisa e extensão nas instituições de ensino citadas, as tecelãs e tecelões da rede Design & Opressão participam de debates externos em eventos e conferências acadêmicas e profissionais. Nessas ocasiões, nos posicionamos a partir de uma agenda crítica e emancipatória, articulando diferentes temáticas e interesses no campo do Design. No ano de 2020, a rede organizou, em parceria com o grupo Sentipensantes (UFPE), a oficina Fogo no Entremeios¹² 2020, na qual participantes foram provocadas a pensar em palavras do jargão profissional e práticas de Design que gostariam de “queimar” (Figura 5). Já a peça de Teatro Fórum sobre plataformização e precarização do trabalho apresentada na semana acadêmica do GFAUD-USP¹³, convidou jovens estudantes de Design a pensar sobre futuros distópicos da sua profissão, ao mesmo tempo que considerava o presente distópico de outras profissões. Nesse mesmo evento, participantes da rede realizaram uma conversa sobre Design Insurgente, no qual debatemos pos-

12 Entremeios é um seminário anual organizado pelo Laboratório de Design e Antropologia da ESDI/UERJ.

13 Grêmio Estudantil da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da USP.

sibilidades de atuação de designers de forma antissistêmica. A rede também esteve presente em um painel na Parsons School of Design¹⁴, propondo reflexões sobre práticas participativas no Design a partir do contexto latino-americano. No Encontro Design Ativista¹⁵ 2020, membros da rede participaram da roda de conversa sobre Design Decolonial, discutindo como lidar com o legado colonialista do design. Em 2021, a rede também está convidada para realizar uma peça de Teatro Fórum na conferência *Attending to Futures* organizada pela Köln Internacional School of Design, levando para o contexto europeu nossos debates sobre opressão e colonização.

Tanto as *lives* da rede Design & Opressão quanto as participações em eventos externos à rede ampliam a troca e a produção de conhecimento por meio da produção de material acadêmico audiovisual. A gravação e divulgação destes debates e oficinas possibilita que os materiais sejam acessados e utilizados como apoio ao ensino e à pesquisa por professoras, estudantes e profissionais de Design em diferentes territórios. Porém, mais do que apenas números de *lives* realizadas ou visualizações alcançadas, o que notamos é a formação de um coletivo cada vez maior e mais comprometido com outras formas de pensar e fazer Design, engajadas, críticas, politizadas e emancipadoras.

14 Parsons School of Design é a escola de design da New School em Nova Iorque, Estados Unidos.

15 Design Ativista é um grupo formado por designers profissionais e amadoras que desejam utilizar suas habilidades para transformar a realidade e conjuntura política brasileira.

Figura 5: Imagem da tela durante a oficina Fogo, no Entremeios 2020



Design como prática da liberdade: nossas aprendizagens como rede

O espaço de formação oferecido pela rede Design & Opressão é tecido por processos contínuos de aprendizado, crítica e práticas engajadas. Todas as questões organizativas e de estruturação da rede descritas na seção anterior foram debatidas em grupo e consensuadas, porque a necessidade de participação é uma demanda unívoca do grupo até agora. Entendemos que a participação nos processos de Design é, por enquanto, o principal meio para combater opressões. Porém, não é qualquer participação que se presta à libertação das pessoas oprimidas. Participação pode ser um termo utilizado apenas demagogicamente, mas sem criar, de fato, práticas que incluam as pessoas nos processos decisórios, e promovam a responsabilização coletiva sobre essas decisões. Em casos ainda mais extremos, a pseudoparticipação pode servir como máscara para validação de processos violentos que não promovem uma participação substantiva, mas performática.

A luta contra a opressão torna necessário pensar criticamente a participação, assumir as condições necessárias para que ocorra e encarar o processo intrinsecamente político de seu exercício. Politizar a participação é expandir o espaço projetual do saber-fazer que reduz o design a um “produto” capitalista, como é o caso da limitação da participação à criação de mercadorias mais ajustadas às demandas de mercado. A participação que defendemos é a que possibilita o diálogo e a contestação, e que tem como princípio a possibilidade da transformação da realidade a partir do encontro. Dessa forma, podemos entender o espaço projetual como espaço de escuta, de reflexão, de disputa e de síntese; e podemos pensar o processo de design como um processo formativo e crítico.

Na pedagogia freireana (FREIRE, 1974), o diálogo é fundamental para transformar o processo formativo em uma investigação participativa da realidade. Uma das diretrizes apontadas por Freire em direção a práticas antiopressão é a criação de espaços adequados ao diálogo. Os espaços promovidos pela rede Design & Opressão buscam cumprir finalidade semelhante, por meio do debate e da troca de experiências entre participantes. O diálogo permite a compreensão da diversidade de contextos que determinam e interferem no saber-fazer cotidiano das designers, como na construção de comunidade de aprendizado proposta por hooks (2013). Essa comunidade é formada por designers, estudantes, professores e professoras com diferentes avatares, sotaques e entendimentos sobre ensino-aprendizagem, teorias e práticas projetuais e o principal: distintas percepções de mundo, que se colocam em diálogo nas noites de terça-feira. É essa bem-sucedida experiência que nos permite reconhecer a rede Design & Opressão como uma comunidade pedagógica, que pratica o design de si e que busca compreender de que maneira práticas engajadas em Design podem contribuir para transformar as realidades de opressão.

Diferentemente daquilo com que nos deparamos ao longo de nossas formações, não aceitamos uma concepção tecnicista e apolítica do Design, justamente por entendermos que qualquer projeto se dá em sociedade e envolve diferentes agentes e agenciamentos. Longe do entendimento de que os acontecimentos de nossa sociedade saem fora do escopo de nossa especialidade, entendemos que todas as profissões possuem o potencial de transformar as relações sociais e, por consequência, a sociedade, na medida em que assumam uma postura crítica diante do mundo. Para isso, cabe não apenas uma formação questionadora, mas também uma autocrítica que procure identificar e elucidar as opressões das quais nós, designers, participamos e que perpetuamos.

Nesse projeto e investigação coletiva, o pensamento freireano nos inspira não apenas a repensar as práticas em Design, como também a problematizar as teorias relacionadas a tais práticas, que foram historicamente consolidadas desde o advento do Design como campo de conhecimento e atividade profissional. Assim como, para Freire, a educação deve ser uma prática social profundamente contextualizada (MOTA NETO, 2016), acreditamos que a necessidade da profundidade de contextualização na realidade de sujeitos oprimidos também se aplica a um Design que se pretende engajado nas lutas contra diversas formas de opressão.

Ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria: considerações para outras conversas

A rede Design & Opressão surgiu, portanto, como um processo investigativo coletivo de transformação da realidade, interesse que nos conecta enquanto designers, independente de nossa localização geográfica ou histórico profissional. Nosso futuro será pautado pelos valores e perspectivas que apresentamos até aqui e por nosso desejo de realizar ações concretas. Sabemos

que muitas das nossas práticas de formação já influenciaram outros grupos, seja no uso de ferramentas e formas de organização dos debates, seja nas estratégias de divulgação de conhecimento, articulando *lives* e sínteses de leituras. A experiência com o uso de uma plataforma que permite uma organização horizontal influenciou, inclusive, as possibilidades de ensino remoto das professoras que participam da rede e que estão enfrentando a necessidade de reestruturar seus cursos para a realidade imposta pela pandemia. Da mesma forma, o conteúdo gerado no Youtube passou a ser utilizado em aulas virtuais em diferentes universidades do país.

Não estamos interessadas meramente em adaptar interações do presencial para o digital. O que propomos é contribuir com novas formas de engajamento em processos de ensino-aprendizagem, resgatando princípios dialógicos e ampliando as possibilidades de construção de relações emancipatórias. O fato de a rede ter se formado, e estar se formando, pela mediação da internet e do digital, permite que pessoas de diversos lugares do Brasil (e do mundo), interessadas em um outro Design, possam se encontrar. Esses encontros e a relação resultante deles é a maior potência do grupo.

Como educadores e educadoras de Design, pudemos observar outra conduta em sala de aula (no caso online), que jamais voltaria a ser neutra ou imparcial, mas sim problematizadora, mais aberta, horizontal e participativa. Esse aprendizado nos fará voltar ao espaço de aula presencial de outra forma. As decisões sobre leituras, procedimentos de tomada de decisão, reconhecimento e avaliação de uso das plataformas digitais, organização da dinâmica de encontros, permitindo fala e escuta: tudo isso foi matéria de discussão, disputa, experimentação e aprendizado.

Vislumbramos um outro caminho, que evidencia as relações de poder do espaço educativo, em contraponto à invisibilidade da dimensão ideológica da sala de aula. Com o grupo,

compartilhamos o entendimento de que toda educação é orientada ideologicamente, que todo Design é político e, igualmente importante, definimos de que lado estamos e reconhecemos aliados na luta por um Design libertador e antiopressão. Buscamos estimular, nesse espaço, a participação não hierarquizada, ainda que o papel de educadoras e educadores acabe por estabelecer algumas desigualdades.

Com a constituição da rede e ao longo dos encontros, percebemos como a temática das opressões e a luta contra elas é algo que mobiliza diferentes pessoas, com diferentes atuações no campo do Design. A oportunidade de criar um ambiente digital de leituras e debates permitiu o encontro e o engajamento dessas pessoas, de modo a criar laços e vínculos para além das fronteiras geográficas e institucionais. Nesse sentido, tecemos não apenas uma rede de colaboração, mas também um corpo de conhecimento comum, seja pela leitura em conjunto, seja pela partilha de experiências. Estamos ganhando estofa teórico, pensando com os pés no chão, na certeza de que a única forma de nos libertarmos é em coletividade.

Na medida em que a rede se adensa e desenvolve, começamos a vislumbrar importantes desdobramentos. O primeiro deles é o impacto acadêmico dela nas pesquisas de professoras e estudantes em diferentes instituições de ensino no Brasil. Entendemos que as discussões da rede propõem pautas políticas que são pouco exploradas em trabalhos acadêmicos no campo do Design e acreditamos que esses temas podem gerar interesse para trabalhos de pesquisa, ensino e extensão em pessoas associadas à rede ou que entram em contato com o material produzido por ela. Outro desdobramento importante vem do reconhecimento de que a rede Design & Opressão tem se tornado um espaço de construção de conhecimento no qual participantes são sujeitos de sua própria formação crítica. Os debates propostos a partir de

perguntas críticas e o processo dinâmico, horizontal e de disputa possibilitam uma vivência reflexiva, ao mesmo tempo que exigem uma atitude ativa diante do conhecimento e da manutenção do espaço coletivo e compartilhado. Acreditamos que essa formação em perspectiva crítica e de caráter colaborativo influencia diretamente a atuação profissional das pessoas participantes, sejam estudantes, educadoras ou profissionais que atuam em diferentes setores do mercado.

A politização do debate sempre esteve presente nos encontros da rede e cada vez mais percebemos alinhamentos entre nós, participantes. Repetidas vezes, o grupo reitera o desejo de extrapolar a noção de design (e de projeto) centrada em uma perspectiva de mercadoria/mercado. Afinal, não existem alternativas? É possível transformar o Design, como área de conhecimento e como atuação profissional, para que seja um agente no enfrentamento ao capitalismo?

Dessa forma, estamos otimistas em relação às possibilidades de atuação futuras da rede. Os pontos levantados anteriormente, tanto acadêmico quanto de formação profissional, indicam desdobramentos que permitem que a rede transcenda o espaço digital, ganhe mais materialidade e transborde para ações concretas na sociedade, primeiro atingindo membros atuantes nela, mas seguramente ampliando esse escopo, especialmente depois que a pandemia não for mais uma preocupação do cotidiano.

Uma de nossas referências mais expressivas, bell hooks (2013) relata que um de seus maiores medos seria que o seu ensino reforçasse hierarquias instituídas historicamente pelas opressões raciais, de gênero e de classe. Como já dito por Freire, tal situação só poderia ser contornada por meio do diálogo, o meio mais simples para iniciar a dissolução dessas barreiras de diferença, sendo um passo fundamental para a construção de uma comunidade pedagógica. Uma comunidade pedagógica configura-se como

um espaço de aprendizagem mútua, a partir das trocas resultantes do diálogo aberto, visando ao cruzamento das fronteiras de opressões por diferentes sujeitos. A despeito de suas diferenças de raça, classe e gênero, é possível testemunhar o surgimento da solidariedade entre esses sujeitos, a partir da compreensão e apreciação conjunta das diferentes posições em um espaço de diálogo. A solidariedade também permite a constituição de espaços de confiança emocional, e a rede Design & Opressão por diversas vezes cumpriu e cumpre bem esse papel. Paulo Freire nos inspira quando reconhece que ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. Por isso, a rede é também um lugar de acolhimento e de amizade.

Na rede Design & Opressão, compartilhamos o desejo de criação de espaços de intervenção, a fim de superarmos o verbalismo criticado por Freire e igualmente evitar o ativismo acrítico. A transformação da realidade é, portanto, um horizonte comum das designers que constituem a rede, e Freire nos convoca a perceber a realidade a partir das relações pessoa-mundo, do lugar e do aqui e agora que a constituem. Entendemos que, se queremos transformar a realidade, precisamos transformar nossas práticas, superar metodologias paternalistas, capacitistas e excludentes, em prol de um Design como prática libertadora que seja capaz de transitar na contradição, reconhecendo as diferenças e enfrentando as desigualdades com a coragem de quem projeta com a consciência de si para si, de nós para nós.

Referências bibliográficas

BOAL, Augusto. **Estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BORRERO, Alfredo Gutiérrez. *Resurgimientos: sures como diseños y diseños otros*. **Revista Nómadas** - Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos (Iesco), Universidad Central, n. 43, out. 2015, pp. 113-129.

DALAQUA, Gustavo Hessmann. O que é opressão. In ABREU, Janaina; PADILHA, Paulo Roberto (Org.) **Aprenda a dizer a sua palavra**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2020, pp. 81-88.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Lisboa: Ulisseia, 1961.

FIORI, Ernani Maria. *Aprenda a dizer sua palavra*. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

FRY, Tony. *Book review: the archeworks papers*. **Design Issues**, n. 3, v. 23, 2007.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MOTA NETO, João Colares da. **Por uma pedagogia decolonial na América Latina: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda**. Curitiba: CRV, 2016.